

**DETERMINANTES DO BEM-ESTAR PARENTAL NO CONTEXTO DO TEA:
A INFLUÊNCIA DA RENDA, REDE DE APOIO E HABILIDADES DA
CRIANÇA**

*DETERMINANTS OF PARENTAL WELL-BEING IN THE CONTEXT OF ASD: THE
INFLUENCE OF INCOME, SUPPORT NETWORKS, AND CHILD SKILLS*

Camila Carla Dantas Soares

Professor(a) na Faculdade Caicoense Santa Terezinha – FCST

Caroline Medeiros Rodrigues e Silva

Professor(a) na Faculdade Caicoense Santa Terezinha – FCST

Ilana Jozi Pereira Dutra

Professor(a) na Faculdade Caicoense Santa Terezinha – FCST

Ismael Victor Araújo de Oliveira

Professor(a) na Faculdade Caicoense Santa Terezinha – FCST

Antonio Leonardo Figueiredo Calou

Professor(a) na Faculdade Caicoense Santa Terezinha – FCST

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar de que maneira fatores como renda, rede de apoio e habilidades da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) influenciam o bem-estar dos pais após o diagnóstico. Por meio de uma análise integrativa de estudos nacionais e internacionais, observou-se que famílias com maior poder aquisitivo tendem a acessar mais rapidamente os serviços terapêuticos e apoio psicológico, favorecendo sua adaptação ao diagnóstico. A presença de uma rede de apoio sólida — formada por familiares, instituições e profissionais — atua como fator de proteção emocional, enquanto sua ausência aprofunda o sofrimento psíquico e o isolamento social dos cuidadores. Além disso, o nível de autonomia da criança interfere na rotina e na saúde dos pais, impactando sua qualidade de vida. Crianças com maior funcionalidade demandam menos vigilância constante, permitindo aos pais maior liberdade e inclusão social. Conclui-se que o bem-estar dos pais está diretamente relacionado às condições materiais, emocionais e relacionais da família. Dessa forma, é imprescindível que as políticas públicas e os serviços especializados adotem uma abordagem intersetorial e sensível à diversidade das experiências parentais no contexto do autismo.

Palavras-chave: Autismo. Bem-estar parental. Rede de apoio. Desigualdade social. Qualidade de vida.

ABSTRACT: This article aims to analyze how factors such as income, support networks, and the skills of children with Autism Spectrum Disorder (ASD) influence parental well-being after diagnosis. Through an integrative review of national and international studies, it was observed that families with higher income levels tend to access therapeutic services and psychological support more quickly, facilitating their adaptation to the diagnosis. The presence of a strong support network—comprising family members, institutions, and professionals—acts as an emotional protective factor, while its absence deepens the caregivers' psychological suffering and social isolation. Additionally, the child's level of autonomy affects the parents' routines and health, influencing their overall quality of life. Children with higher functionality demand less constant supervision, allowing parents greater freedom and social inclusion. The study concludes that parental well-being is directly linked to the material, emotional, and relational conditions of the family. Therefore, it is essential that public policies and specialized services adopt an intersectoral approach that is sensitive to the diversity of parental experiences within the context of autism.

Keywords: Autism. Parental well-being. Support networks. Social inequality. Quality of life.

1. INTRODUÇÃO

O diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) em uma criança é um evento que transforma profundamente a dinâmica familiar. Embora os impactos emocionais do diagnóstico sejam amplamente reconhecidos, a forma como cada família vivencia e responde a esse processo é influenciada por uma série de fatores contextuais, tais como a condição socioeconômica, a presença (ou ausência) de uma rede de apoio efetiva e as características individuais da criança diagnosticada, como o nível de autonomia, comunicação e interação social (Dias et al., 2021; Silva et al., 2015).

Diversas pesquisas demonstram que o bem-estar dos pais – especialmente das mães – após o diagnóstico está diretamente relacionado à disponibilidade de recursos materiais e imateriais que podem favorecer ou dificultar a adaptação à nova realidade. Famílias com maior renda tendem a acessar serviços especializados com maior facilidade, enquanto aquelas em situação de vulnerabilidade enfrentam barreiras que agravam a sobrecarga e o sofrimento psíquico (Barros et al., 2022; Pimenta et al., 2020). Além disso, o suporte oferecido por familiares, amigos, instituições e profissionais configura um fator de proteção essencial, especialmente em momentos de crise ou instabilidade emocional.

Outro aspecto determinante é o grau de independência e as habilidades comunicativas da criança com TEA. Crianças com comportamentos mais intensos de autoagressão, crises sensoriais ou ausência de fala, por exemplo, exigem dos cuidadores uma vigilância constante, o que pode afetar significativamente a saúde física e emocional dos pais (Pereira, 2022; Maia et al., 2016).

Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar de que maneira fatores como renda, rede de apoio e habilidades da criança influenciam o bem-estar dos pais após o diagnóstico de autismo. A partir da análise de estudos nacionais e internacionais recentes, busca-se compreender como essas variáveis se articulam e impactam o cotidiano das famílias, propondo reflexões sobre a importância da equidade no cuidado e na formulação de políticas públicas.

O texto está estruturado em cinco seções, incluindo esta introdução. A segunda seção apresenta o referencial teórico sobre os determinantes do bem-estar parental no contexto do autismo. A terceira analisa os estudos selecionados, com foco nos fatores

socioeconômicos, relacionais e clínicos. A quarta seção discute os achados à luz da literatura crítica sobre desigualdades em saúde mental. Por fim, a quinta seção traz as considerações finais e propõe encaminhamentos práticos para profissionais e gestores da rede de apoio à infância.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Determinantes do bem-estar parental após o diagnóstico de TEA

O bem-estar dos pais de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é resultado da interação entre fatores subjetivos e contextuais. A literatura evidencia que as reações emocionais ao diagnóstico, embora comuns, variam significativamente de acordo com aspectos como classe social, acesso à rede de cuidados, suporte familiar e as próprias características da criança (Dias et al., 2021; Maia et al., 2016).

Diferente de um sofrimento psíquico meramente individual, os desafios enfrentados pelos pais devem ser compreendidos como atravessados por determinantes sociais da saúde. A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2008) aponta que desigualdades socioeconômicas afetam diretamente o acesso a recursos de cuidado, influenciando a forma como as famílias lidam com condições crônicas de saúde. No caso do autismo, a assimetria entre famílias com maior poder aquisitivo e aquelas em vulnerabilidade é particularmente visível.

2.2 Condição socioeconômica e acesso aos recursos

A renda familiar exerce influência direta sobre o tipo e a qualidade dos serviços acessados pelas famílias. Famílias com melhores condições econômicas conseguem arcar com intervenções terapêuticas, diagnósticos precoces, escolas inclusivas e acompanhamento psicológico para os cuidadores, enquanto famílias de baixa renda frequentemente enfrentam filas, descontinuidade no atendimento e ausência de suporte psicológico (Pimenta et al., 2020; Dorlivete et al., 2022).

Além disso, a precariedade econômica costuma ser acompanhada por dificuldades adicionais como desemprego, habitação inadequada e insegurança alimentar, fatores que aumentam a sobrecarga emocional dos pais e dificultam o engajamento nas terapias e no cuidado cotidiano da criança (BARROS et al., 2022).

2.3 Redes de apoio: entre a presença e a ausência

A presença de uma rede de apoio sólida – composta por familiares, amigos, profissionais da saúde e educação, instituições religiosas ou comunitárias – é apontada por diversos estudos como um dos principais fatores de proteção à saúde mental dos pais (Silva et al., 2015; Pereira, 2022). Essa rede possibilita o compartilhamento de responsabilidades, a escuta empática e, muitas vezes, o suporte material necessário para aliviar a carga do cuidado.

Em contrapartida, a ausência de apoio ou a vivência de relações familiares frágeis e julgadoras pode aprofundar o isolamento social e o sofrimento emocional, contribuindo para quadros de estresse crônico, ansiedade e depressão. A falta de compreensão de amigos e parentes em relação às manifestações do TEA também contribui para o retraimento dos pais, principalmente em ambientes públicos e coletivos.

2.4 Habilidades da criança com TEA e o impacto sobre a família

As características individuais da criança com TEA – incluindo o grau de comunicação verbal, a autonomia nas atividades diárias e a intensidade dos comportamentos repetitivos ou agressivos – influenciam diretamente o nível de demanda imposta aos cuidadores. Quanto maior a necessidade de supervisão, maior a probabilidade de sobrecarga emocional e de interrupção de atividades profissionais e sociais dos pais, especialmente das mães (Maia et al., 2016; Dias et al., 2021).

Estudos também indicam que pais de crianças com maior funcionalidade comunicativa e autonomia relatam níveis mais elevados de bem-estar e adaptação, enquanto aqueles cujos filhos apresentam severas dificuldades de interação e comportamento enfrentam maiores níveis de estresse e insegurança quanto ao futuro (Pereira, 2022).

Essa variação reforça a importância de um olhar individualizado nas práticas de cuidado e de políticas públicas que considerem as múltiplas realidades familiares, sem reproduzir modelos padronizados de atendimento ou expectativas de desempenho parental.

3. ANÁLISE DOS ESTUDOS

3.1 A renda como fator modulador do acesso e da sobrecarga

A condição socioeconômica é um dos fatores mais evidentes na diferenciação das experiências parentais após o diagnóstico de TEA. Em estudos como o de Pimenta et al. (2020) e Barros et al. (2022), é possível observar que famílias com menor renda enfrentam obstáculos mais acentuados no acesso a terapias, diagnósticos especializados, transporte e serviços educacionais adequados. Essa escassez de recursos resulta em maiores níveis de sobrecarga emocional, estresse e sensação de impotência, especialmente para as mães, que tendem a assumir o papel central no cuidado.

O trabalho de Dorlivete et al. (2022) mostra que, mesmo quando os serviços públicos estão disponíveis, a burocracia e a descontinuidade do atendimento afetam principalmente famílias em situação de vulnerabilidade. Já as famílias com maior poder aquisitivo relatam mais facilidade em acessar atendimentos multidisciplinares e apoio psicológico para os cuidadores, o que contribui para melhores índices de bem-estar e adaptação ao diagnóstico.

3.2 A rede de apoio como fator de proteção emocional

O apoio de familiares, instituições e profissionais da saúde aparece como um fator determinante na forma como os pais enfrentam os desafios do diagnóstico. Silva et al. (2015) demonstram que a presença de uma rede de apoio efetiva permite às mães se sentirem mais seguras, acolhidas e menos isoladas. Esse apoio pode se manifestar tanto no cuidado compartilhado da criança quanto na escuta das emoções maternas, funcionando como amortecedor do sofrimento psíquico.

Já os estudos de Maia et al. (2016) e Pereira (2022) revelam o impacto negativo da ausência dessa rede. As mães relatam não apenas solidão emocional, mas também críticas familiares, afastamento social e abandono conjugal após o diagnóstico. A ausência de suporte profissional no momento do diagnóstico agrava esse cenário, privando os pais de informações essenciais e acolhimento psicológico em um momento de vulnerabilidade.

3.3 As habilidades da criança e o nível de exigência parental

A intensidade das manifestações do TEA também afeta diretamente a qualidade de vida dos pais. Dias et al. (2021) evidenciam que cuidadores de crianças com menor autonomia e ausência de linguagem verbal apresentam maiores índices de estresse e ansiedade. Essas famílias tendem a reorganizar completamente sua rotina, muitas vezes com um dos pais deixando o trabalho formal para cuidar exclusivamente da criança.

Em Pereira (2022), observa-se que crianças com maiores dificuldades de interação social ou com comportamentos autoagressivos demandam maior vigilância, o que leva ao esgotamento físico e mental dos cuidadores. Por outro lado, quando a criança apresenta avanços no desenvolvimento da linguagem, autonomia e adaptação à escola, os pais relatam melhora em sua autoestima, esperança no futuro e maior disposição para o autocuidado.

Esses dados confirmam que o bem-estar dos pais está intrinsecamente ligado às demandas diárias de cuidado e às perspectivas de desenvolvimento da criança. Quanto maiores os desafios impostos pelo quadro clínico, maior é a necessidade de suporte especializado, orientação e acolhimento familiar e institucional.

4. DISCUSSÃO

Os dados analisados evidenciam que o bem-estar dos pais de crianças com TEA não é um aspecto isolado, mas fortemente condicionado por estruturas sociais e relacionais. A forma como cada família vivencia o diagnóstico e adapta sua rotina depende não apenas das características da criança, mas também de fatores como renda familiar, suporte comunitário e acesso a serviços especializados. Esse conjunto de fatores atua de forma interdependente, intensificando ou atenuando os efeitos emocionais e sociais vivenciados pelos pais, sobretudo pelas mães.

A condição socioeconômica é um dos elementos mais determinantes. Famílias com renda mais elevada tendem a acessar rapidamente serviços de saúde mental, terapias multidisciplinares, instituições escolares inclusivas e profissionais capacitados. Essa estrutura favorece a adaptação ao diagnóstico e a manutenção do bem-estar dos

cuidadores. Em contrapartida, a precariedade econômica impõe uma dupla carga: limita o acesso aos recursos e amplia a sobrecarga emocional, gerando um ciclo de sofrimento e exaustão. Como apontam Barros et al. (2022), mães em situação de vulnerabilidade relatam sentimentos de impotência, culpa e desamparo frequentes, o que compromete não apenas sua saúde psíquica, mas também a qualidade do cuidado oferecido à criança.

A rede de apoio emerge como um eixo central de sustentação. O suporte oferecido por familiares, amigos, vizinhos, instituições religiosas e profissionais da saúde atua como fator de proteção contra o adoecimento mental dos cuidadores. Como mostram Silva et al. (2015) e Maia et al. (2016), a presença de uma rede que escute, oriente e divida responsabilidades fortalece emocionalmente os pais e reduz o sentimento de solidão. Já a ausência dessa rede aprofunda o isolamento e agrava o sofrimento psíquico, sendo frequentemente associada a quadros de depressão e ansiedade.

Outro aspecto crítico é o nível de funcionalidade da criança diagnosticada. Crianças com maior independência nas atividades da vida diária, habilidades comunicativas e menor intensidade de comportamentos desafiadores tendem a demandar menos vigilância constante, o que permite aos pais maior liberdade, inclusão social e manutenção da rotina profissional. Por outro lado, quadros clínicos mais severos exigem dedicação integral dos cuidadores, levando ao abandono do trabalho, à ruptura de laços sociais e ao adoecimento físico e mental, como observado por Pereira (2022) e Dias et al. (2021).

A partir dessa análise, torna-se evidente que a experiência de ser pai ou mãe de uma criança com TEA não pode ser compreendida de forma homogênea. O bem-estar parental está diretamente relacionado às condições materiais, aos vínculos sociais e ao tipo de acolhimento institucional disponível. Isso impõe aos profissionais da saúde, da educação e da assistência social o compromisso ético de reconhecer as desigualdades que atravessam essas famílias e atuar na construção de estratégias intersetoriais de suporte efetivo.

É preciso romper com a lógica que individualiza o sofrimento e culpabiliza os pais pela forma como lidam com o diagnóstico. A escuta qualificada, a construção de redes de apoio e o fortalecimento de políticas públicas sensíveis à diversidade de contextos familiares são caminhos fundamentais para garantir o cuidado compartilhado e a promoção da saúde integral – não apenas da criança, mas de toda a família.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bem-estar dos pais após o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) em um filho é um processo complexo, multifatorial e fortemente condicionado pelas circunstâncias sociais, econômicas e relacionais. Os estudos analisados revelam que fatores como renda, rede de apoio e nível de funcionalidade da criança são decisivos para a qualidade de vida das famílias, sobretudo das mães, que assumem majoritariamente a responsabilidade pelo cuidado.

A renda familiar, ao determinar o acesso a serviços especializados e terapias, atua como marcador de desigualdade no enfrentamento das demandas do diagnóstico. Famílias em vulnerabilidade enfrentam não apenas maiores dificuldades práticas, mas também uma sobrecarga emocional potencializada pela ausência de suporte institucional. A rede de apoio, por sua vez, surge como um elemento central de sustentação ou de fragilidade, dependendo de sua presença ou ausência. Já as habilidades da criança influenciam diretamente a rotina familiar, afetando o grau de dependência e o impacto emocional sobre os cuidadores.

Conclui-se que garantir o bem-estar parental no contexto do TEA exige um olhar ampliado, que vá além da intervenção clínica voltada à criança. É preciso reconhecer a família como unidade de cuidado, demandando atenção, escuta e suporte contínuo. As políticas públicas, os profissionais e as instituições devem atuar de forma articulada para reduzir as desigualdades no acesso aos recursos e promover estratégias de cuidado compartilhado, que valorizem a saúde mental dos pais e respeitem suas trajetórias singulares.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BARROS, Á. A. T. S. et al. Dificuldades enfrentadas pelos pais no tratamento de crianças com transtorno do espectro autista. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 9, e11411931568, 2022.

DIAS, C. L.; COSTA, E. M.; BARBOSA-MEDEIROS, M. R. Qualidade de vida de pais de crianças com transtorno do espectro do autismo. **Comunicando: Ciência da Saúde**, v. 32, n. 2, p. 99-106, 2021.

DORLIVETE, A. A. et al. Dificuldades enfrentadas pelos pais no tratamento de crianças com transtorno do espectro autista. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 9, e11411931568, 2022.

MAIA, F. A. et al. Importância do acolhimento de pais que tiveram diagnóstico do transtorno do espectro do autismo de um filho. **Cadernos de Saúde Coletiva**, v. 24, n. 2, p. 228-234, 2016.

PEREIRA, K. S. B. **O impacto do diagnóstico de perturbação do espectro do autismo nos pais**. 2022. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde) – Instituto de Estudos Interculturais e Transdisciplinares de Almada, Portugal, 2022.

PIMENTA, E. A. G. et al. Cuidar de crianças com necessidades especiais de saúde: do diagnóstico às demandas de cuidados no domicílio. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 8, p. 58506-58521, 2020. DOI: 10.34117/bjdv6n8-311.

SILVA, J. B. et al. “Padecendo no paraíso”: as dificuldades encontradas pelas mães no cuidado à criança com sofrimento mental. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 17, n. 3, 2015.